

84  
✓

# SERMAO GRATULATORIO

PREGADO NA PAROQUIA  
de Nossa Senhora da Conceição da Praya  
da Cidade da Bahia

PELAS MELHORAS

DO MUITO ALTO, PODEROSO REY, E SENHOR

## D. JOSEPH I.

NOSSO SOBERANO,

Offerecido ao mesmo Senhor

POR SEU AUTHOR

### JOSEPH ANTONIO SARRRE

*Presbytero Secular, Cavalleiro Lateranense, Mestre  
em Artes, Bacharel em Canones, Cura collado na  
Igreja Paroquial de Santo Estevão de Lisboa &c.*



## LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

---

---

M.DCC.LXIV.

*Com as licenças necessarias.*

SERMAO

GRATUITO

PRÉSENTÉ PAR

de N. S. S. de la Ville de Paris

YVES-MARIE

DOCTEUR EN

D. JOSEPH

NOTRE

Orateur au même

POR SEU AUTOR

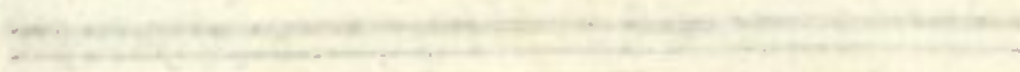
JOSEPH ANTONIO SARRA

Propriété de l'Édition de Paris, chez la Citoyenne de la République, chez la Citoyenne de la République, chez la Citoyenne de la République



LISBOA

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Antonio



Com as licenças necessárias



## SENHOR.

**A** Tormentavaõ penosos cuidados aos  
seis Vassallos de Vossa Magestade nesta Ci-  
dade existentes , as noticias , que por ou-  
tros portos deste Continente lhes tinhaõ chega-  
do

do aos ouvidos do perigo da preciosa , e  
muito estimavel vida de Vossa Magestade , e  
da sua molestia , quando a 13 de Abril , com  
a chegada da frota , se derão todos mutuamen-  
te as mais plausiveis Pascoas pela certeza de  
recuperar Vossa Magestade felizmente saude ,  
e conservalla para felicidade de toda a Mo-  
narquia : e sendo universal este gosto , cou-  
be grande parte aos nobres Commerciantes des-  
ta Praça , que não podendo occultar nos co-  
rações seu nimio prazer , e o dezejo de agra-  
decere a Deos tanto beneficio , logo deter-  
minaraõ dar publicas graças ao Soberano Se-  
nhor da vida , e da morte , e à Virgem Se-  
nhora da Conceição Padroeira do Reino , a  
quem tinhaõ dirigido os seus votos pela sau-  
de de Vossa Magestade. Tive eu a honra de  
ser o Orador de taõ respeitoso objecto em  
taõ plausivel culto , e attendendo à materia  
deste Sermaõ , me animo a pedir a Vossa Ma-  
gestade se digne patrocinallo , pois lho con-  
sagro como pequeno tributo do meu rendimen-  
to , e diminuta demonstração do meu leal af-  
fecto. Deos guarde a Vossa Magestade para  
o bem , e utilidade publica , como pede , e de-  
zeja

Joseph Antonio Sarre.

AD.

# ADVERTENCIA.

**L**Ogo que este Sermaõ foy prégado ,  
o remetti a esta Corte com as ordens  
precisas para nella ser impresso ; porém a in-  
curia do fujeito , a quem incumbia dili-  
genciar a sua impressãõ , o teve até ago-  
ra suppresso : cheguey em fim do Brasil  
na frota proximamente passada , e achando-o  
sepultado no esquecimento , cuidey  
logo em o fazer expedir.

# LICENCAS.

5

Do Santo Officio.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Antonio das Onze mil Virgens Ferreira, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, Qualificador do Santo Officio, &c.*

SERENISSIMO SENHOR.

**O**Sermaõ de Acçaõ de graças, que na Paroquia de N. Senhora da Conceiçaõ da Cidade da Bahia pela preservaçaõ da vida do nosso Fidelissimo Monarca o Senhor D. Joseph I. recitou o Reverendo Doutor Joseph Antonio Sarre, naõ tem regra que naõ respire dictames inteiramente catholicos, periodo que naõ seja discretamente orthodoxo, nem conceito que se opponha ao commum sentir da Igreja. Pela subtileza das provas, pela propriedade do argumento, pelo solido das Escrituras, e pela magestade da dicçaõ descubro nelle hum exemplar da naturalidade, com que se devem achar os assumptos, da clareza com que se devem dividir, da verdade com que se devem propor, e da rhetorica com que se devem persuadir. Naõ devem as Orações sagradas ser compostas de hyperboles artificiosos; porque como foraõ instituidas na Igreja para louvar a Deos em si, ou nas suas creaturas, haõ de ser despidas daquelle indigno ornato, que ideou a lisonja, e reprova a Religiaõ. Afronta sem duvida a sua profissaõ o Orador Catholico, que sómente se desvéla em deleitar os ouvintes, fazendo que as Orações, que recita na Casa de Deos vivo, se pareçaõ com as que recitavaõ os Gregos em louvor dos Deoses falsos. O erudito Author desta elegante, e nervosa Oraçaõ, todo se entregou a seguir nella as regras

87

gras da eloquencia , e verdade , de que os antigos usavaõ nos primeiros seculos da Igreja , quando elogiavaõ algum Heróe , ou Acção ; porque não tributou incenso fenaõ aos que nos altares da virtude , do valor , ou da sabedoria tinhaõ certo o merecimento. Rendeo a Deos , e a sua Mãy purissima as graças pela preservação da vida do seu Monarca , e pela felicidade do Reino na restauração da faude do seu Principe : louvou aos Ministros pela discreta economia com que se portaraõ em cazo taõ espantoso : e engrandeceo finalmente aquelles , que concorrem para a utilidade publica da nossa Monarquia : e isto executou com felicidade taõ rara , que se não apartou hum só apice das regras de perfeito Orador. Sejaõ pois os gemidos do prélo os clarins , que segurem ao nome do Author a immortalidade , que Attico disputou à oliveira de Athenas ; sejaõ os que publicquem por todo o mundo a sua fama , e eternizem por todas as idades a sua memoria. Este o meu juizo. Vossa Alteza mandará o que for servido. Convento de Nossa Senhora de Jesus dos Religiosos da Terceira Ordem do nosso Padre S. Francisco de Lisboa 15 de Outubro de 1759.

*Fr. Antonio das Onze mil Virgens Ferreira.*

**V** Ista a informação póde-se imprimir o Sermaõ que se apresenta , e depois voltará conferido para se dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa , no Paço de Palhavã , 16 de Outubro de 1759.

*Silva. Trigofo. Silveiro Lobo.*

---

---

## Do Ordinario.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joseph Manoel da Conceiçãõ , Religioso da Terceira Ordem da Penitencia , Mestre na Sagrada Theologia , Consultor da Bulla da Cruzada , e Secretario da sua Provincia.*

EXCELL. E REVER. SENHOR.

**E**sta numerosa , ornada , digna , culta , eloquentissima , e em tudo Ciceroniana Oraçãõ recitou-a na Paroquial Igreja de Nossa Senhora da Conceiçãõ da Praya da Cidade da Bahia em Acçãõ de graças pelas felices melhoras do nosso muito Poderoso , e Fidelissimo Rey , e Senhor D. Joseph I. o M. R. Doutor Joseph Antonio Sarre , Presbytero Secular , e natural do Reino do Algarve. Por certo , que sem escrupulisar muito o seu prudentissimo discurso , já Vossa Excellencia póde entender o conceito , que della formo , quando a sujeita à minha informaçãõ. He taõ grande aquelle , que ainda naõ iguala o alto merecimento do seu Author. Bem me intimava até aqui o brado da fama , o que este era ; mas já a credulidade em mim passou a ser evidencia. Muito deve aos fieis clamores do applauso ; porém ainda muito mais o declama sem duvida este fecundo , e facundo parto da sua vastissima erudiçãõ. Tudo se interessa em celebrarlhe o nome , a universal aceitaçãõ gritando chronista do seu grande talento , e a sua perfeita instrucçãõ , condignificando tambem este geral obsequio com esta rara producçãõ da sua literatura. Bem contestados monumentos saõ desta successiva , e multiplicada experiencia todos os sagrados , e mais famosos pulpitos da nossa America , já theatros , em que todo o mundo lhe tem offerecido os mais decorosos elogios , e já tambem Lycêos , em que os Oradores Evangelicos tem aprendido os mais criticos , e nobilissimos systemas. Chamou o Tullio da Igre-



Igreja rio da discricão Atheniense ao famoso Demofthenes , e dilatado rio da eloquencia Brasiliense não duvidarey eu chamar tambem sempre ao M. R. Doutor Joseph Antonio Sarre. Sem mendicar frases à Rhetorica confesse toda esta verdade o Rio de Janeiro, aonde tanto a rios correo, e discorreo a affluencia das suas doutrinas, que ainda hoje nas suas aulas se estaõ bebendo as clarissimas profusões da sua profunda sabedoria. He Rio de Janeiro; porém em quanto mereceo em si este sabio, só parecia sem controversia hum caudaloso rio Jordão, rio por antonomasia o do juizo, porque entãõ possuidor de hum taõ grande entendimento. Não parou no Rio este mar da eloquencia; porque dezejoõ de fecundar todo o Brasil, veyo correndo atéa Bahia a sua literaria, e engenhosa doçura. Aqui seria esgotar o Oceano, se eu quizesse sondar os agigantados progressos dos seus estudos. Basta-me pois só dizer historiando, que se descobrio a Bahia o grande Christovão Jaques, se a povoou o famoso Francisco Pereira Coutinho, se o primeiro que a governou mandado por ElRey D. Joaõ III. foy o memoravel Thomé de Sousa, e se o primeiro Bispo, que nella rasgou o véo à a cegueira do Gentilismo, foy o Santo Varaõ D. Pedro Fernandes Sardinha; tambem no presente seculo o M. R. P. Doutor Joseph Antonio Sarre, tem exemplificado tanto as suas gentes com os seus dignissimos costumes, e tem instruido de tal sorte os seus candidatos com os seus doutissimos methodos, que os pulpitos o reconhecem por seu Oraculo, e toda a Brasílica Academia dos Renascidos o respeita por seu muy distincto socio, e singularissimo alumno. Nasceo em o Reino do Algarve, e toy renascer aos Estados do Brasil; depois da nossa Lusitania o applaudir unico, razão era que tambem a Bahia o admirasse peregrino. Esta he a ingenita condicão dos racionaes astros da mayor grandeza, ainda o mundo todo lhes he angusta, e apertada esféra. Ao Author deste Sermaõ o Reino do Algarve lhe deu o berço, o Reino de Portugal o ouviu muitas vezes sabio, e conversou muy bem instruido, e até o Reino de Leaõ laureando-o Canonista, o louvou dis-

\*\*

creto

creto sem presumpção , e douto sem jaçtancia. Não coube na Europa este grande Homem , como Sol conduzido a outro hemisferio , lá foy buscar novo horizonte na America , se bem que não era preciso hir ao Brasil para conhecermos o seu grande engenho. Não bastou o Universo todo para encher o dilatado coração de Alexandre ; e não basta tambem hum mundo inteiro para comprehender a erudita vastidão de hum Heróe tão universal. Trasladou-se ao novo mundo da America , e utilissima foy esta sua conducta , porque assim adquirio aquella entre as suas , mais esta suave doçura da sua erudição. Porém aonde se havia de achar esta boca de ouro , e esta lingua de prata , senão na Bahia ? Razaõ era pois , que só nas suas minas estivesse este thesouro , para que assim se conhecesse , e cabalmente se acreditasse , que tambem só de grande valor he o talento , que na Bahia recitou Oração tão preciosa. Preciosa lhe chamo , e chamarey sempre , preciosa pelas melhoras , faude , e vida de Sua Magestade Fidelissima seu soberano argumento , e preciosa tambem pelo excessivo lucro , que nella alcanção todos os nobilissimos Commerciantes da Bahia , principaes interessados neste admiravel Sermaõ de Acção de graças. Sempre aquella famosissima Cidade se declamou com a honra de ser fiel aos seus Monarcas Portuguezes : bem recommendada para a posteridade se lê esta sua antiquissima confidencia nos Fastos , que encheraõ com os seus factos , e heroicidades os seus valerosos habitantes , assim em 8 de Mayo de 1624 , como em 1 do mesmo mez em o anno seguinte de 1625. Tem em todos os lustros herdado os lustres daquella louvavel felicidade todos os seus posteriores inquilinos , descendentes , e povoadores , sendo sem duvida entre tantas occasiões , tanto esta a que mais a qualifica , que pelas bocas dos seus mesmos generosos obsequios se estaõ ouvindo da sua grande fidelidade os mais eloquentes testemunhos. Foy nelles igual o gosto ao sentimento : chorava toda a Bahia a molestia do seu Fidelissimo Rey , com os seus votos supplicava a Bahia de todos os Santos o seu sagrado valimento ; porém enxugando aquellas lagrimas com a noticia das suas felices

89

lices melhoras , logo roubando toda dos mesmos diamantes das suas minas o fino para as demonstrações dos seus affectos , tambem lhe imitaraõ o resplendor no luzido dos mayores applausos. Com larga maõ , e amantes vontades assim os celebraraõ os Commerciantes daquelle Brasílica Metropoli : nunca por certo negociaraõ melhor ; porque como o mais importante negocio da Republica he a vida do seu Monarca , por isso sem ser culpavel usura tanto contratarã entre si o interesse da sua restituída melhora com huma publica solemnidade. Grande tributo ; porẽm tudo he devido a hum Rey como o Alto , e Poderoso Senhor D. Joseph I. Hum Rey , que todo he providencias para o bem commum dos seus Vassallos ; hum Rey que tem feito respeitada, opulenta, e sabia toda a sua Monarquia com as suas prudentissimas Maximas; hum Rey , que imitando ao grande Trajano só sabe eleger para os lugares os sujeitos mais idoneos ; hum Rey , que como Cesar venturoso naõ só tem que dar , mas tambem tem animo para o dispende ; hum Rey , que como Philippe de Macedonia todo he benignidades ainda para quem lhe arma, e estende o braço para a vingança ; hum Rey , que sendo taõ Magno como os Imperadores Carlos , e Constantino , tambem tem o distincto caracter de ser entre todos Fidelissimo à Igreja ; hum Rey , que com mais amor do que Tito só cuida nas utilidades , e conveniências do seu Reino ; hum Rey , em cujo throno se admiraõ enlaçadas com todas as virtudes , a vigilancia , e a justiça ; e em fim hum Rey , que no seu fidelissimo Ministro tem hum reproduzido Radamantho taõ recto , e taõ incorrupto , taõ bem instruido , e experimentado , que todos os Gabinetes da Europa o ouvem oraculo , a Fama o solemnisa incomparavel , Portugal o estima seu Mecenas , e respeita circunspecto , os merecimentos o canonizaõ acrador de infinitos premios , a nossa saude, e fortuna lhe dezeja os annos de Nestor , e o mundo todo lhe applica o taõ plausivel , como honroso elogio : *Rhadamenthæo pollet judicio*. Assim o entendo eu , e muito melhor o conceitua o Author deste grande Sermaõ. Nelle louva aos seus Ministros , e em primeiro

lugar ao nosso Fidelissimo Rey; mas porque aquelle louva tanto a este, por isso tambem eu declamo tanto aquelle. Merece pois a licença que pede. Seja Vossa Excellencia servido o concederlha; porque na impressão deste Gratulatorio Panegyrico pelas felices melhoras do nosso Fidelissimo Monarca se eternizará não só o credito da Nação com o nome do seu conspicuo Author; mas tambem se animará cada vez mais a fidelidade Portugueza com estas amantes expressões, e publicos applausos às melhoras, saude, e vida do seu amabilissimo Rey. Esta he a minha informação: Vossa Excellencia determinará sempre o que melhor lhe parecer. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa em 22 de Outubro de 1759.

*O M. Fr. Joseph Manoel da Conceição.*

**V**ista a informação póde-se imprimir o Sermaõ de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa, 30 de Outubro de 1759.

*D. J. A. de L.*

---

## Do Desembargo do Paço.

*Approvação do M. R. P. M. Fr. Manoel do Cenaculo, Religioso da Terceira Ordem da Penitencia, Doutor pela Universidade de Coimbra, Lente de Theologia, Chronista da sua Provincia &c.*

S E N H O R.

**N**Em o tempo, nem a distancia dos lugares poderaõ debilitar a fidelidade de huns Vassallos, que respeitaõ a Vossa Magestade presente nas partes mais remotas do seu Imperio pelas rectissimas providencias, e singular protecção, com que Vossa Magestade os faz ditos. Os Commerçiantes da Cidade da Bahia merecem com distincção este nobre conceito pela diligencia, com que em solemnes demonstrações agradeceraõ o favor do Ceo, que

93  
que lhes assegurou na vida de Vossa Magestade as felicidades, que recearaõ perdidas, quando pela effusaõ do sangue justo se chorava o Estado exposto à ruina. Solicitos em descobrir Panegyrista, que fizesse conspirar em elegante identidade as expressões com os intimos affectos de jubilo, de que estavaõ possuidos, acharaõ no sabio Author desta Oraçaõ sujeito capaz do appetecido desempenho. Elle recitou hum Discurso, cuja economia he fundada no amor, no zelo, e na inviolavel fidelidade, com que se ha de vingar em todas as idades o arrojo, que pertendeo arrancar o Sceptro das Mãos, que o Altissimo fez superiores aos rompimentos da malignidade. De suas grandes applicações, notorias na Europa, e America, nasceraõ as luzes, que unidas aos affectos subministrados pela abundancia do coração, produziraõ hum especioso artefacto, em cujas clausulas recebem gostosas lições a nossa obediencia, e fidelidade para adorarmos agradecidos a Providencia, e servirmos, e amarmos a Vossa Magestade. A dicçaõ com que se explica, tem piedade, força, e energia para persuadir o que intenta; e tanto não encontra, que antes respira submissões às Leys de Vossa Magestade. Estas virtudes fazem capaz da luz publica huma taõ singular Oraçaõ, para que em repetidos exemplares multiplique as impressões, de que já gozaraõ seus ouvintes, e seraõ gratissimas aos fieis Vassallos de Vossa Magestade, que por todos os modos dezejaõ estimulos para a perpetuidade do seu respeito, e do seu amor. Vossa Magestade ordenará o que for servido. Convento de Nossa Senhora de Jesus de Padres Terceiros em 10 de Novembro de 1759.

*Fr. Manoel do Cenaculo.*

**Q**ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa conferido para se taxar, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 23 de Novembro de 1759.

*Com cinco Rubricas.*

RE-

## RELAÇAM DA FESTA

*QUE OS HOMENS DE NEGOCIO DA CIDADE da Bahia fizeraõ em Acção de graças pelas melhoras de Sua Magestade Fidelissima.*

**D**A faude , e vida do Monarca pende o gofsto , e prazer da Monarquia ; e faltando qualquer das duas , he necessario , e indispensavel o mayor susto , e pezar nos Vassallos. Afflictos , cuidadosos , e aflustados estavaõ todos os moradores da Bahia com as noticias , que pela frota de Pernambuco chegaraõ a esta Capital , as quaes nos certificaraõ a molestia de Sua Magestade Fidelissima. Naõ faltou a fidelidade , e filial amor de muitos com rogativas , e votos a Deos , e a sua purissima Mãy pelas melhoras do nosso Augustissimo Soberano , nos quaes continuaraõ até o dia 14 de Abril , em que com a chegada da Náo de guerra Capitania da nossa frota tiveraõ os moradores desta Cidade as mais festivas alleluias (\*) com a certeza do restabelecimento da faude do nosso Monarca , em cuja vida tanto interessa toda a Monarquia. Mutuamente se congratulavaõ , e davaõ reciprocos parabens os fieis Vassallos do nosso Soberano , livres do penoso cuidado que os opprimia , dando graças ao Poderoso Deos , que tanto os beneficiara na vida do seu Monarca ; e determinando logo fazer publicas demonstrações do seu agradecimento ao Rey supremo , Senhor da vida , e da morte , foraõ os nobres Commerçiantes desta Praça hum dos corpos mais distinctos no empenho , e magnificencia desta Acção gratulatoria. Elegeraõ para ella o dia 20 de Mayo , determinando se executasse em a Igreja de S. Pedro Gonçalves , vulgarmente o Corpo Santo , Capella , que interinamente serve de Paroquia da Freguezia da Praya , na qual habita a mayor parte dos homens de negocio desta Praça ; cuja Paroquia venera por Orago a Virgem Senhora da Conceição ; e dedicando huma plausivel festa à mesma Senhora

---

(\*) Chegou a Náo de guerra em Sabbado de Alleluia.

92  
ra no myfterio da Conceição venerada , como Padroeira do Reino , quizerão com este culto agradecer a Deos , e a sua Mãe o beneficio recebido na melhoria de Sua Mageftade Fideliffima. Convidaraõ para affiftencia ao Illuſtriſſimo , e Excellentiffimo Vice-Rey do Eſtado D. Marcos de Noronha Conde dos Arcos , aos Conſelheiros de Ultramar , e Guerra , aos Deſembarçadores da Relação , e mais Miniftros ſubalternos , as Communidades Religioſas , e a toda a Nobreza.

Chegado pois o dia 19 , tanto que as ſombras eſcureceraõ o que illuminava o Sol com ſuas luzes , principiou a luzir a grandeza , e magnificencia de huma feſtividade , que gozou todas as circumſtancias de grande. A toda a dilatada praya illuminavaõ innumeraveis luzes , e até o mar parece , que ſolidadas ſuas aguas , e perdida a contrariedade , que pelo frio tem com o fogo , eſtava cheio todo de luminarias , que por muitas horas permaneceraõ : e pareceo couſa myſterioſa , que tendo chovido ſucceſſivamente pelo eſpaço de hum mez , e alguns dias , ſem que em huma ſó noite viſſe-mos eſtrellas , naquella, limpo o Ceo , ainda da mais pequena nuvem , faziaõ as luminarias celeſtes mais alegre , e plauſivel o noſſo feſtejo. Houve algumas viſtas de fogo , em que o artifice empenhando o mais perfeito da arte nos propoz entre outras huma de muito goſto ; e foy huma tarja com as Armas dos Monarcas Portuguezes , e huma letra pela parte inferior , que dizia : *Viva El Rey D. Joſeph I.* Ateouſe o fogo nas letras , e representando ſe a viſta de cor azul , ſuavemente permaneceu por horas , como ſe perdeſſe a virtude cremativa para perpetuar os vivas de hum Monarca , cuja vida he taõ deſejada , e importante aos ſeus Vaſſallos. Os ſinos , clarins , e timbales nos avifavaõ para agradecermos a Deos , e a ſua Mãe puriffima tanto beneficio , e para concorrermos a taõ devido applauſo.

Amanheceo o ſeguinte dia , e nos tocaraõ a alvorada repetidas ſalvas da mayor parte dos navios , que ancoravaõ neste porto , as quaes repetiraõ com a precisa interpolação por todo o dia. Do meſmo modo os ſinos , timbales , e clarins. Principiou a Nobreza , e povo a  
con-

concorrer, e tambem a admirar o ornato da Igreja; em que contenderão a riqueza com a curiosidade; a riqueza nos damascos, veludos, télas, lós, e grande quantidade de ouro, e prata; a curiosidade na perfeição do artificio, e elegante proporção das cores. No arco da Capella mór pendia hum perfeito retrato do nosso Augustissimo Soberano, e sobre a porta principal as suas Reaes Armas. Aos lados do corpo da Igreja estavaõ com eminencia dous coretos occupados com os melhores musicos desta Cidade, que acompanhados de muitos, e suaves instrumentos formavaõ a melhor consonancia; e era taõ numeroso o concurso, que para se accomodarem os convidados foy precisa a providencia de pôr Soldados às portas para impedirem o ingresso a todo o que não fosse distincto, e conhecidamente nobre. Chegou a hora de se principiar a festa, e sahio a cantar a Missa o M. R. Doutor Gonçalo de Sousa Falcaõ Vigario geral neste Arcebispado. Foraõ seus Acolytos para o Evangelho o M. R. P. Anastacio Pereira Capellaõ do Excellentissimo General, e para a Epistola o M. R. P. André Vicente Beneficiado na Sé desta Cidade, qualquer delles dotado de excellente voz; e repetindo-se festivas salvas, se concluiu a celebridade de manhã.

Ficou o Santissimo exposto, e pelas quatro da tarde se principiou a cantar o *Te Deum laudamus*: com admiravel harmonia a coros o entoavaõ hum verso os musicos, e outro oito Sacerdotes, que com ricas capas de asperges assistiaõ junto à estante em a Capella mór. Assistio o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Primaz do Brasil, o Excellentissimo Vice-Rey, e toda a Nobreza, como de manhã; e entrando pela noite a a celebridade, estava a Igreja muito illuminada pelo grande numero de placas, e serpentinas, que sustentavaõ muitas luzes. Concluido o *Te Deum* se encerrou o Senhor; e tornando a illuminarse as janellas, se concluiu o grande applauso, com que os nobres Commerciantes testemunhavaõ o seu agradecimento a Deos, e a sua purissima Mãe, e o affecto, e lealdade ao seu Augustissimo Monarca.

Ma-





*Mariæ , de qua natus est Jesus.*

Matth. 1.



**N**AÕ fora a ingratição offensa , se o agradecimento não fora divida. (Soberano Senhor sacramentado.) Deve ostentarse agradecido , quem se sustenta nos interesses de obrigado ; que esquecer-se da obrigação he caracter infame de ingratiçissimo : *Ingratissimus omnium qui oblitus est* , disse Seneca. (1) Para não incorrerem pois na censura de ingratos , e se mostrarem agradecidos os nobres Commerçiantes desta Cidade , vem hoje dar a Deos , e à sua purissima Mãy as graças da preservaçãõ da vida de Sua Magestade

A

Fi-

---

(1) Senec.

Fidelissima no perigo em que se vio em Setembro proximo passado, e juntamente da perfeita faude que recuperou, e felizmente goza: mas he de notar, que estas graças as dirigem a Deos, como Imperador de Portugal: *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire*; e a Maria Santissima da Conceição, como Tutelar, e Padroeira do mesmo Imperio, por conhecerem que de Deos especialmente com a notada formalidade, e da Virgem Senhora da Conceição, como Tutelar, e Padroeira, veyo ao nosso Monarca Augustissimo o beneficio, de que hoje vem a dar graças. Parece-me que tenho o pensamento no Evangelho.

Deputou a Igreja para a celebridade da Conceição da Senhora hum Evangelho, em que de Maria só se diz, que teve por filho a Jesus: *Mariæ, de qua natus est Jesus*, (1) para mostrar que sendo Jesus o filho, não podia ser maculada a Mãe; nem Jesus desempenharia cabalmente o seu nome, se não defendesse a Senhora no perigo, em que, segundo a ordinaria ley, pe-

---

(1) Matth. 1.

perecem os mais descendentes de Adão. Estando Christo na Cruz, diziaõ muitos: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere*; (1) pôde livrar a outros, e não se pôde livrar a si; insinuando nestas palavras, como sentem Euthimio, e Theofilato, (2) que eraõ falsos os seus milagres, pois o seu poder não alcançava a livrar-se a si: e como o nome de Jesus he o mesmo que Salvador, para desempenhar este nome, e emmudecer as vozes da temeridade, era necessario que Maria Santissima sua Mãe fosse salva, e preservada da original culpa, pela qual havia ficar espiritualmente morta a sua alma. Se Deos empenhou o seu braço para livrar do cativoiro do Egypto ao povo de Israel, só porque era povo seu, com mayor razão havia defender a Maria tanto sua, da mortal ruina pela culpa original, mayormente tendo-o assim jurado, e promettido o mesmo Deos: *Per me metipsum juravi... possidebit semen tuum portas inimicorum tuorum*, (3) disse Deos a Abra-

A ii

háõ;

---

[1] Matth. 27. vers. 42. [2] Euthim. & Theofilat.  
[3] Gen. 22. vers. 16.

haõ ; e para que se naõ entendesse esta promessa , e juramento , fõ a respeito da terra Chanaan , o explicou Zacharias no sentido mystico por outras palavras: *Jurandum quod juravit ad Abraham patrem nostrum daturum se nobis* ; (1) de fõrte , que quando Deos jurou a Abraham , que a sua descendencia havia triunfar das portas dos seus inimigos , entaõ lhe prometteo , que de huma sua descendente havia nascer para nossa salvaçaõ : *Juravit ad Abraham daturum se nobis*. E qual foy a descendente daquelle Patriarca , de que nasceo Christo ? Foy Maria: *Semen Abrahæ apprehendit : Mariæ , de qua natus est Jesus*. Só Maria foy a descendencia de Abrahaõ , em quem o Verbo assumio a natureza humana , e fõ desta jurou Deos que havia possuir as portas dos seus inimigos : *Possidebit portas inimicorum suorum*. As portas dos inimigos he a entrada , ou conceiçaõ para a vida ; pois nenhuma creatura humana nella entra , que naõ seja possuida pelo peccado , e consequentemente pelo demonio : fõ Maria foy a feliz  
a ref-

---

(1) Luc. 1. vers. 73.

a respeito de quem prometteo Deos, que a havia proteger de modo, que na conceição conservasse a vida da graça, e triunfasse de todos os seus inimigos: *Per me metipsum juravi.... possidebit semen tuum portas inimicorum tuorum.*

E se Deos prometteo a Abrahaõ tanta felicidade para Maria, e a reservou na sua Conceição da morte espiritual pela culpa, pelo principio de ser a Senhora tanto sua; por semelhante motivo, e razão (nos termos em que se deve entender esta semelhança) preservou Deos a corporal vida do nosso Augustissimo Monarca, no perigo em que se vio no mez de Setembro passado: porque se a grandeza, e decencia de hum Rey da Gloria, forte, e poderoso pedia, que sendo tanto sua a Virgem Senhora, e que havia de ser throno do seu descanso, não perdesse a vida espiritual às mãos dos seus contrarios; o mesmo respeito pedia, que tendo Deos eleito aos Reys de Portugal para fundar nelles o Throno do seu Imperio: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire; (1)* sen-

---

[1] Almeid. Restaur. de Portug.

fendo os Monarcas Portuguezes tanto seus, que lhes deu por Armas as mesmas, com que triunfou do peccado, do mundo, e do inferno: *Insigne tuum ex pretio, quo ego humanum genus emi, compones*, não deixasse perecer ao nosso Augustissimo Monarca às mãos dos seus inimigos; de sorte, que sendo Christo Rey dos Reys, e Senhor de todos os Imperios, especialmente tomou posse, e appropriou o Reino de Portugal para Imperio seu: *Imperium mihi*. E se o Padre Vieira, prégando nesta Cidade por occasião de se temerem as armas Hollandezas, arguia a Christo, a que havia perigo de desprezarem alguns menos Catholicos o seu poder, vendo que era insultado o seu Imperio pelos inimigos da Religião christã; porque não direy eu, que para credito do mesmo Christo, e para desempenho da promessa, que no campo de Ourique fez a El Rey D. Affonso Henriques, segurando-lhe que nunca delle, e mais Monarcas Portuguezes havia apartar a sua misericordia: *Non recedet umquam à te, neque ab eis misericordia mea*: que elle, e seus successores  
eraõ

eraõ o Throno da sua amada Monarquia :  
*In te , & in semine tuo imperium mihi sta-*  
*bilire :* (1) finalmente , que feria todo Por-  
tugal povo seu amorosamente estimado :  
*Erit mihi regnum pietate dilectum ;* naõ ha-  
via permittir ficasse a vida do noõso Au-  
gustissimo Monarca com fatal confusaõ ,  
e prejuizo dos seus Vassallos , despojo dos  
seus inimigos ; antes a havia conservar ,  
e preservar illeza , assim como no devido  
modo era decencia sua conservar a espi-  
ritual vida da Senhora na sua Conceiçaõ  
passiva para o desempenho da sua promes-  
sa , e de seu glorioso nome de Salvador :  
*Mariæ , de qua natus est Jesus ;* e pela mes-  
ma razaõ de Maria Santissima no myste-  
rio da Conceiçaõ venerada , recebeo o  
noõso Monarca taõ grande beneficio ; por-  
que a congruencia de Tutelar do Reino  
obriga a persuadir , que vindo todos os  
beneficios de Deos pelas mãos de sua  
Mãe , sendo a Senhora com respiciencia  
à sua Conceiçaõ passiva jurada Protectora,  
e Padroeira do Monarca , e Monarquia  
Portugueza , à mesma Senhora incumbia  
pri-

---

[1] Almeid. *supr.*

privativamente para credito da sua protecção alcançar a confervação da vida de Sua Magestade Fidelissima : e como conhecemos quem ao nosso Soberano fez o beneficio , aos mesmos bemfeitores se dirige este applauso , e este culto em acção de graças ; pois foy aquelle favor transcendental a todos os seus Vassallos.

Mas como para ser digna , e devota huma acção de graças , he preciso a quem a dá conhecer a grandeza do beneficio , para lhe corresponder igual affecto no agradecimento , e juntamente qual foy o bemfeitor : sendo todo o empenho desta acção dar as devidas graças pela preservaçãõ da vida , e recuperaçãõ da saude do nosso Augustissimo Monarca ; ferá toda a empreza do meu Sermaõ ponderarvos , qual he o presente beneficio , e qual a origem de tanta graça , e favor , para que assim todos catholicamente agradecidos demos a Deos , e a sua Mãy purissima graças dignas da sua aceitaçãõ. *Principiemos.*



Vimos hoje a dar a Deos , Senhor do Imperio Portuguez , e à Virgem Senhora da Conceição , Padroeira do mesmo Imperio , as graças da conservação da vida de Sua Magestade Fidelissima no perigo , em que se vio em Setembro passado , e da faude que felizmente recuperou , e para ventura nossa conserva ; e consequentemente vimos a dar graças da faude , que por este principio gozamos ; pois não fora-mos fieis , se o sentimento da molestia de Sua Magestade nos não fizera enfermos , nem fora-mos Portuguezes , se o prazer de sua total melhoria nos não tornara sãos.

Na vespera daquelle grande dia , em que com universal commoção se turbará todo o Universo , sabemos que enlutando-se o Sol , cahiráõ desmaiadas as estrellas : *Sol obscurabitur , & stellæ cadent*. Pergunto , e porque desmaiaõ naquella occasião as estrellas , e cahem desfalecidas ? Não advertem , que o seu Monarca esconde as suas luzes , e tal turbação padece , que lhes não communica suas in-

fluencias ? Caiaõ pois as estrellas ; que naõ foraõ estrellas , se padecendo o seu Monarca turbaçaõ taõ fatal , naõ desmaiaraõ tambem de sentimento. Naquelle dia grande , diz o Oraculo da verdade , que ao Sol se lhe ha de restituir a luz , que antes tinha , e taõ melhorada , que ha de ser sete vezes mayor : *Lux solis erit septupliciter maior , sicut lux septem dierum :* (1) e reparo , que promettendo Isaias , ou Deos na sua penna tantas melhoras ao Sol , nada diz a respeito da luz , que haõ de recuperar as estrellas : era superfluo ; porque como a luz das estrellas provém originariamente da do Sol , huma vez que se fallava nas melhoras do Sol , dita estava a boa convalescença das estrellas : naõ fora-mos logo estrellas , naõ fora-mos Portuguezes , se a magoa nos naõ fizera enfermos , se o gosto nos naõ tornara sãos. He verdade , que menor turbaçaõ de luzes se vio no Ceo Portuguez (que bem se póde chamar Ceo hum Imperio de Christo) quando pela molestia desmaiaraõ , e se occultaraõ as luzes do nosso

---

[1] Isaias.

supremo Monarca ; porque se naquella turbação final tambem se ha de eclipsar a Lua , sem que os sublunares participem luzes , e influxos de algum dos dous maiores Astros , Nós no eclipse do Sol Lusitano tivemos a presença , e participamos os influxos da Augustissima Rainha nossa Senhora , que dispoz o Ceo nos fosse columna de fogo , symbolo do amor na noite , que resultava da reclusão do Sol , beneficiando Deos ao seu povo Portuguez do modo , que ao seu povo Israelitico *per noctem in columna ignis*. Oh prodigio da Providencia ! Enfermou o Sol embarçando-lhe a molestia o communicar presencialmente benéficos influxos ao seu povo , e logo attento às commodidades dos seus Vassallos , como quem de os ouvir , attender , e remediar tem adquirido precioso habito , delegou toda a sua jurisdicção real , e benigna influencia em a Lua Rainha das estrellas : por tantos clarins , quãntos são os Vassallos de Portugal pública a fama , que entãõ se vio luzir a Lua com igualdade ao Sol ; pois a Augustissima Rainha nossa Senhora com amor ,

actividade , e vigilancia igual à do nosso Augustissimo Monarca , attendia aos seus Vassallos no Reino , e Dominios , fazendo expedir com toda a brevidade as fro-  
 tas para os portos Americanos , e admi-  
 nistrando a todos justiça com aquella in-  
 teireza , e inexplicavel intelligencia , de  
 que a enriqueceo o Ceo , que a destinou  
 para ventura nossa Lua do Ceo Portuguez ,  
 que como tal nos presidisse em as ausen-  
 cias do Sol , mas com tanto excessso a res-  
 peito da Lua astro , que escurecendo-se o  
 Sol , não ha nella constancia , pois logo  
 se eclipsa : *Sol obscurabitur , & luna non  
 dabit lumen* : porém a Rainha nossa Se-  
 nhora presidio-nos constante , e superior  
 à pena , que lhe magoava a alma , vendo  
 enfermo ao seu Sol : o que ponderado ,  
 parece ser menor em ordem às estrellas ,  
 a turbação que se vio na mencionada mo-  
 lestia de Sua Magestade , que aquella , que  
 se verá no fatal dia de Juizo ; mas foy  
 tanto mayor que aquella , esta dos Por-  
 tuguezes , quanto vay de estrellas insen-  
 siveis a estrellas racionaes , de estrellas  
 sem alma a estrellas cheias de amor : aquel-  
 las

las não sentirão , estas sentiraõ a molestia de Sua Magestade , a reclusaõ do seu Sol , a falta da presença do seu Monarca , a medida do seu prazer ao gozarem depois as luzes da sua vista. Que gosto , que applauso , que jubilo , que alegria ! Feriaõ o ar com vozes repetindo vivas , e alentando festivos applausos davaõ a Deos repetidas graças pela faude do seu amabilissimo Monarca.

Quando o Sol se nos occulta por muitos dias , e depois nos apparece claro , e radiante , todo o creado parece está agradecendo a Deos o amanhecêr-lhe o Sol depois de huma larga ausencia : vestem-se de resplandores todas essas superiores esferas , coroaõ-se de luzes os altos montes , matizados de flores se offertaõ os humildes valles , as aves celebraõ com musica sua bella presença , e até as feras parece , que se mostraõ menos feras , ensinando todo este natural applauso a hum Reino , quanto deve agradecer a Deos a faude de hum Rey que o governa com mais virtudes que as do Sol. Este pois he o beneficio , que

vi-

vimos agradecer : e como he indispensavel para o digno agradecimento o conhecermos taõ grande beneficio , ponderemos já quam perfeito Monarca he o nosso Soberano , que à vista de suas perfeições ficará cabalmente conhecido quam grande he a mercê , que de Deos , e sua purissima Mãy recebemos na conservação da vida de Sua Magestade Fidelissima ; e estimulados por este conhecimento , será mais devota esta acção de graças , e mais fervorosas as orações dos seus Vassallos pela faude de taõ perfeito Monarca.

O Monarca para ser perfeito ha de observar os documentos de Plataõ expressados por Cicero nestas palavras : *Qui Reipublicæ præsumt , duo Platonis præcepta teneant ; unum ut utilitatem civium sic tueantur , ut quidquid agant , ad eam referant : alterum , ut totum corpus Reipublicæ curent , ne dum partem aliquam tueantur , reliquas deserant* : (1) tudo quanto fizer o Monarca deve ser para utilidade dos Vassallos , que senhorea , amparando a todos com igualdade. Discorramos sobre o primeiro do-

---

(1) Cicer. 1. off.

documento , e logo discorreremos sobre o segundo. Hade o bom Monarca conflagrar todas as suas acções à utilidade publica , e feito Argos da Monarquia , vigiar com cem olhos os intereffes dos Vassallos : he o Monarca a alma de todo o seu povo , e he o povo corpo , que se anima com esta alma ; e como o officio da alma he vivificar , e soccorrer a todo o corpo, o exercicio do Monarca perfeito he desvelar-se na utilidade , e remedio do seu Reino : e quem não sabe que a utilidade dos Vassallos leva todo o cuidado , e attenção ao nosso Augustissimo Monarca levantando continuas estatuas à nossa gloria , à nossa fortuna , e à nossa conveniencia ? Notay.

Sobre duas bazes se levanta a opulencia dos Reinos , e utilidade dos Vassallos , que são a Agricultura , e o Commercio ; e principiando por este , he tão precisamente necessario , que assim como sem sangue não póde viver o homem , sem commercio não póde vivificar-se hum Reino , e na acertada direcção de o praticar consiste a grandeza , e poder das

Mo-

Monarquias, verdade, que nos estão repetindo as mais politicas Potencias da Europa, reduzindo a este importantissimo fim todos os consentimentos de huma paz, ou os motivos de huma guerra. O melhor modo pois de estabelecer o commercio, segundo nos ensinão todas as Nações, que fundão em sua consistencia seu poder, he o de formar Companhias. Naõ me he possivel pelas angustias do tempo ponderar as razões especulativas, e praticas, que fundamentão esta verdade, as quaes se pódem ver em muitos Authores, e modernamente ponderadas à Magestade Catholica pelo Marquez de Ustariz D. Bernardo de Ulhoa, D. Miguel de Zabalá, e outros. E quem naõ conhece o incomparavel desvélo, com que Sua Magestade Fidelissima attende aos augmentos dos seus Vassallos, instituindo a Companhia geral da Agricultura das vinhas do alto Douro, em que interessa todo o Reino, e Dominios, principalmente as tres Provincias Beira, Minho, e Tras os montes, sustentando-se por este modo a cultura das vinhas, e solidando-se o commercio de



de hum taõ importante , e consideravel genero instituida esta Companhia com hum methodo taõ discreto , e taõ circumspecto , que he eterno padraõ da illuminada vigilancia , com que o nosso Monarca Augustissimo discorre as utilidades dos seus Vassallos.

Do mesmo modo , e para o mesmo fim instituiu Sua Magestade a Companhia do Graõ Pará , fertilizando por este meyo a agricultura , que no Maranhão se achava em grande decadencia , e fomentando os lucros dos Commerciantes para solida riqueza dos Vassallos. Assim tambem a Companhia do Commercio de Pernambuco naquella Capitania tomando a todos debaixo da sua Real , e immediata protecção. Para animar , e proteger ao Commercio , erigio Sua Magestade o nobre Tribunal da Junta em a sua Corte , e varias Mezas de Inspecção por todos os Dominios para cuidarem nos interesses do Commercio , e utilidade dos lavradores , sendo as principaes a da Bahia , Rio de Janeiro , e Pernambuco , todas fundadas , e conservadas com grandissima despesa da

C Real

Real Fazenda , e presididas por Ministros muito escolhidos , dispendendo Sua Magestade do seu Erario para bem commum dos Vassallos , como Monarca perfeito , o qual deve preferir à propria utilidade a do seu povo : *Hoc est principatus sua negligere , & eorum , quos regit , curam gerere* , diz S. Joaõ Chrysoftomo. (1)

Quando Christo estava proximo a morrer , diz o texto de S. Mattheus , que os Judeos lhe diziaõ : *Descendat nunc de Cruce , & credimus ei* ; (2) desça da Cruz , e o acreditaremos Filho de Deos : e naõ quiz o Senhor aceitar o partido ; porque parecia ceder em utilidade propria , querendo antes morrer na Cruz para beneficio , e redempçaõ de todos : he conceito de Santo Ambrosio : *Noluit descendere , ne descenderet sibi , sed moreretur mihi*. (3) Na Cruz estava Christo como Rey em o seu throno : *Regnavit à ligno Deus* ; e attendendo como Rey perfeito mais ao bem commum dos seus Vassallos , que à propria conveniencia , quiz antes acabar que des-

---

(1) Chrysoft. in Psal. 113. (2) Matth. 27. vers. 42.  
 (3) D. Ambr. liv. 1. in Luc.

descer ; pois de hum Monarca perfeito he particular constitutivo antepor à conveniencia propria a dos seus Vassallos ; e quem se lembrar das excessivas despezas , com que Sua Magestade Fidelissima tanto mais , que a si acodio ao seu povo no fatal estrago do Terremoto , conhecerá , que o nosso Monarca fez nesta occasião tantas ; e taes acções de amor , e christandade , que por ellas no templo da fama se lhe formarão indeleveis estatuas , e no da gloria se lhe dispozeraõ immarcessiveis coroas , e confessaráõ todos , que ao Rey Divino fielmente imita o nosso Monarca Soberano.

Para utilidade commua dos seus Vassallos he Sua Magestade qual outra vara , que vio Jeremias cheia de olhos : *Virgam vigilantem ego video* ; (1) que a todos os tempos attende ; ao passado para o exemplo , ao presente para o remedio , e para o resguardo ao futuro : por este motivo manda Sua Magestade escrever muitas Leys , que todas se dirigem a acautelar o futuro , e a remediar o presente ,

C ii

imi-

---

(1) Jerem. cap. 1. vers. 11.

imitando o melhor do passado ; e he virtude nunca affás louvada do nosso Auguftissimo Monarca naõ promulgar Ley sem maduro conselho dos seus Ministros , procurando assim o mayor acerto. Inconfiderados andaraõ os Athenienses impedindo aos Principes o terem Conselheiros : Demosthenes os tirou do engano , dizendo-lhes a necessidade , que delles tem hum Monarca : (1) Alexandre depois que compunha as Leys , dava-as a rever aos Dictadores , concedendo-lhes tempo dilatado , em que podessem a respeito das mesmas discorrer com attençãõ , (2) o que tambem fizeraõ os Imperadores Theodosio , Valentiniano , e Octavio Cesar. Só de Heliogabalo , Nero , Caligula , e outros , que nasceraõ com animo mais de feras , que de racionaes , sahiraõ as Leys como fogo do pedernal , sem mais outra diligencia , que o toque do aço , ou a força da tyrannia ; mas o nosso Fidelissimo Monarca sempre que julga precisa alguma Ley para beneficio do seu Imperio , e Vaf-

---

[1] Demosth. in orat. 1. contra Philipp. [2] Lamprid. in Alex.

e Vassallos , consulta a Doutos experimen-  
tados , e virtuofos Ministros , em Juntas  
dos quaes se conclue a melhor resoluçaõ ,  
conforme a qual se promulga a Ley ; e  
sempre attento ao mayor acerto elege Sua  
Magestade com admiravel circunspecçaõ  
os seus Conselheiros , como quem sabe ,  
que todo o bom successo depende do bom  
conselho. De entre mil , ensina o Espirito  
Santo , que deve ser escolhido o Conselhei-  
ro : *Audi consilium , & consiliarius sit tibi unus  
de mille* : (1) donde se segue , que deven-  
do ser muitos os Conselheiros nas Jun-  
tas , deve ser hum só no Gabinete ; mui-  
tos para a consulta , hum para a resolu-  
çaõ ; muitos para descobrir os meynos , e  
hum só para os applicar : sendo felicida-  
de grande de huma Monarquia ter por  
Conselheiro do Gabinete hum douto , ex-  
perimentado , e discreto Ministro. Neste  
passo naõ posso deixar de acclamar tam-  
bem feliz a Portugal , por ter Conselheiro  
do Gabinete a hum Archimedes Politico (2)

to-

---

(1) Eccles. cap. 37. (2) He o Illustrissimo , e Ex-  
cellentissimo Senhor Conde de Oeyras , do Conselho de  
Sua Magestade , e seu primeiro Ministro de Estado.

todo applicado aos interesses do Reino , e Dominios , lançando linhas daquelle centro a todos os pontos do Orbe , e como fiel Amador assistindo ao lado do seu Monarca como Anjo Custodio , que lhe move a Esféra.

Para o mesmo fim , e beneficio dos Vassallos vigia Sua Magestade em as fronteiras , e fomento das armas , elegendo Officiaes os mais dignos , e sabios na arte da guerra com grande attenção às suas qualidades , e merecimentos. Para conhecer esta verdade bastará só applicar a vista aos predicados de tantos Generaes , que dignamente occupão seus honrados postos , entre os quaes nos deve levar huma das primeiras attensões o nunca bastantemente louvado desinteresse , amor , actividade , e vigilancia do nosso Excellentissimo General (1) Vice-Rey deste Estado , que presente nos honra , de cujas virtudes nada mais digo , por não offender a sua modestia. E se tanto cuida Sua Magestade nas Armas , não cuida menos nas Letras ,

---

(1) He o Excellentissimo Conde dos Arcos D. Marcos de Noronha.

1-3

tras , pois estas não concorrem menos ,  
que aquellas para a felicidade das Monar-  
quias. Tanta utilidade acharão as Aguias  
Imperiaes nas pennas dos Sabios , que os  
adiantaraõ nos premios a todas as mais  
jerarquias de ferveços. (1) Antonino Pio  
fez grandes a todos os Letrados do feu  
Reino , e lhes entregou o governo de  
muitas Cidades : (2) Sigismundo os ama-  
va sobre todos os Principes do feu Impe-  
rio : (3) do mesmo modo Carlos Craffo,  
o Imperador Gordiano , e Carlos Ma-  
gno por conhecerem a utilidade , que aos  
feus Reinos resultava dos conselhos , e  
pennas dos Sabios : (4) por isso Alexandre  
vencendo a Dario mandou buscar Sabios  
a Athenas , que ensinassem aos Perfas ;  
Sertorio consumada a conquista de Portu-  
gal instituiu nella huma Universidade ;  
(5) Julio Cefar , e o Imperador Vespa-  
fiano fizeraõ a mesma conducção de Le-  
trados para todas as povoações do feu  
Imperio , conhecendo que os conselhos dos

---

(1) Pontan. de Liberalit. (2) Diodor. de milit. dis-  
ciplin. cap. 8. (3) Baptist. Egnat. (4) Jul. Capitolin.  
(5) Manoel de Far. e Sousa Europ. Portug. 1. p.

dos Sabios são os baculos das Republicas. E quem ignora, que o nosso Augustissimo Soberano não só he muito sabio na arte de reinar, na arte da guerra, na geometria, desenho, e outras sciencias, mas tambem o mais amante das letras, e dos sabios? Para evidenciar esta verdade, basta só attendermos, a que passados poucos dias depois do Terremoto, que profitou em 1755 a Corte, e muitas povoações de Portugal, não obstante as necessarias angustias, e oppressões de animo, que comsigo trazia tão fatal estrago, a quem como Rey natural, e amante Pay appropriava as afflicções, e penas de todos os Vassallos, mandou que se proveessem todos os lugares vagos da Academia Real da Historia, e que se lhe conservassem todos os privilegios, que lhe concedera seu Augustissimo Pay, continuando-se as Sessões do mesmo modo, que em vida do dito Senhor; como quem sabe ser esta Academia Regia Officina, em que se tem feito letrados os grandes de Portugal, e em que se tem educado muitos Escritores, que acreditaõ, e utilizaõ a Patria;



tria : o certo he que não despreza as letras quem estima a fama.

Falle Coimbra , e dirá , que em sua Universidade instituiu o nosso Augustissimo Monarca huma Cadeira de Theologia Polemica , ordenando , que em todos os actos de Theologia Especulativa houvesse ao menos duas questões Dogmaticas. Agora me lembra , que depois que Josafat Rey de Judá mandou pelo seu Reino homens sabios a doutrinar ao povo nas verdades da ley , todos os seus confinantes , e oppostos se lhe tributaraõ feudatarios : *Misit , ut docerent in civitatibus Judá..... itaque factus est pavor Domini super omnia regna terrarum , nec audebant bellare contra Josaphat.* (1) Fallem os Doutores daquella Athenas Lusitana , e dirãõ quanto Sua Magestade Fidelissima attende as suas letras para generosos despachos : fallem tantos Ministros , pois o agradecimento lhes deve excitar as vozes , e digaõ se em algum seculo foy taõ attendida a Jurisprudencia , e taõ premiado o estudo de hum , e outro Direito. Oh seculo de ouro , em

D

que

---

(1) 2. Paral. cap. 17. vers. 8.

que as letras gozaõ toda a attençaõ do  
nosso Augustissimo Monarca!

A' vista pois do ponderado já conhe-  
cemos desempenhado pelo nosso Augus-  
tissimo Soberano o primeiro requisito ,  
que Plataõ requer em hum Monarca  
para ser perfeito ; que vem a ser dirigir  
todo o seu cuidado ao bem commum , e  
publico dos Vassallos : *Unum ut utilitatem  
civium sic tueantur , ut quidquid agant , ad-  
eam referant.* Vejamos agora se desempe-  
nha o nosso Soberano o segundo docu-  
mento de Plataõ , que vem a ser : *Ut to-  
tum corpus Reipublicæ curent , nedum par-  
tem aliquam tueantur , reliquas deserant.*

He o Sol Monarca entre todos os  
Astros , e como tal igualmente para to-  
dos luz , e como Sol da Monarquia ferá  
o Monarca , que se mostrar igual para fa-  
vorecer a todos os Vassallos : *Christus in  
Ecclesia Catholica , tanquam in meridie cu-  
bans mundum universum suo fulgore illum per-  
fudit* , disse S. Justino Orgelitano : (1) allude  
o Santo Padre , a que o Sol no meio dia  
communica a todos igual luz , pela ma-  
nhã ,

---

[1] Just. Orgelit.

nhã , e na tarde não he igual para o Hemisferio o seu resplendor , mas no Zenith a todos igualmente illumina : e como Christo Rey supremo , e exemplar de todos os Monarcas favorece a todos com igual benevolencia , por isso chamando a Christo Sol o considera sempre no meio dia. Deve ser para todos benigno , quem para todos he Rey ; aonde chega seu poder , deve chegar a sua benignidade ; pois não he razão , que seja todo de huns , quem nasceo para todos. Que terra ha tão infeliz , que a não beneficie o Sol ? Mandavaõ retirar da presença de Rodolfo os Aulicos , que lhe assistiaõ , alguns pobres pebleos , que queriaõ fallarlhe ; mas o discreto Imperador lhes disse : Deixai-os vir , que não he ser Imperador o não ouvir , e communicar benigno a todos os meus Vassallos. Oh voz soberanamente humana , verdadeiramente Augusta , e ainda Divina ! pois assim o disse tambem o Rey do Ceo , e terra : *Sinite parvulos venire ad me.* (1)

E o nosso benignissimo Monarca co-

D ii mo

---

(1) Matth. cap. 19.

mo imitador do Monarca Divino , e Solda Monarquia , sempre no Zenith com incomparavel benignidade ouve em publicas , e particulares audiencias a toda a classe de pessoas : por tres vezes em a semana dá Sua Magestade Fidelissima publica audiencia : coufa na verdade , que às Nações estrangeiras causa admiração , e defafia o mayor louvor aos Monarcas Portuguezes , pois nesta promptidaõ de ouvir aos Vassallos são singulares entre os de todas as Nações politicas ; e a respeito dos Monarcas de Portugal seus gloriosos Ascendentes se singulariza muito o nosso Rey , e Senhor D. Joseph I. na benignidade , com que a todos ouve , e attende , sendo taõ communicavel aos seus Vassallos , que até no tempo , que justamente reserva para alivio de tanta fadiga , inseparavel de hum Monarca , ouve , e attende a quem pede audiencia para suas dependencias.

De Trajano escreveo Plinio , que naõ tinha difficuldade em ouvir aos seus Vassallos , nem punha mora em lhes deferir : *Nulla in audiendo difficultas , nulla in*  
*res-*

*respondendo mora.* O mesmo escreveu Lampridio de Alexandre Severo : *Moderationis tantæ fuit , ut nemo umquam ab ejus latere submoveretur.* O mesmo disse de si Job, pois sendo Principe na terra Hus, averiguava em repetidas audiencias a justiça de cada hum, para lhe não faltar com ella : *Causam , quam nesciebam , diligentissimè investigabam.* (1) Do mesmo modo o nosso Augustissimo Monarca se acredita benigno nas audiencias continuadas, em que como Pay ouve aos seus Vassallos, investiga a justiça das suas dependencias, e defere com rectidão, e piedade as suas supplicas.

Deos exemplar de todos os Monarcas com tanta benignidade attende aos benemeritos, que além de os enriquecer com muitas merces, e graças, lhes dá moradia no seu Palacio, e os eleva na sua Corte a grandes honras, sem haver benemerito, que não receba premio : e o nosso Augustissimo Monarca, com que grandeza distribue os foros, commendas, merces, honras, e despachos aos que o

fer-

---

[1] Job 29. vers. 16.

fervem com satisfação do seu Real agrado ! Não he preciso aos seus Vassallos honradamente empregados em seu serviço perguntar pelo premio , como David pelo da batalha , S. Pedro pelo do sequito , e Abrahaõ pelo do trabalho ; (1) porque ou logo são premiados ao dar-se-lhe a occasião do merito , ou ao menos he indisputavel o premio , posto que for o merecimento ; e sendo o nosso Soberano taõ benigno para os benemeritos , tambem o he muito para os criminosos.

He a clemencia caracter de Monarcas. Quando Abigail pedio a David , que não castigasse , nem destruisse a Nabal , diz o texto , que lhe fallara assim : *Non ponat , oro , Dominus meus Rex cor suum super istum iniquum Nabal.* (2) Todos os Interpretes reparaõ , em que Abigail dèsse nesta occasião a David a nomenclatura de Rey : neste tempo ainda David não era Rey de Israel : logo com que fundamento o titula Rey : *Dominus meus Rex* ? O Abulense responde ao quesito : *Ut eum in-*  
*cli-*

---

[1] 1. Reg. cap. 17. Matth. Gen. 15. v. 2. [2] 1. Reg. 25. vers. 25.

*clinaret ad clementiam, vocavit Regem; (1)*  
 para o mover à clemencia, chamoulhe  
 Rey, fazendo conceito, que a benigni-  
 dade he caracter proprio de hum Mo-  
 narca: por isso diz S. Joaõ Chrysoftomo,  
 que se alguem quizer louvar a hum Prin-  
 cipe, naõ lhe póde descrever coufa mais  
 decorosa, que a benignidade, e clemen-  
 cia, porque esta he propriedade, e ca-  
 racteristico brazaõ dos Principes perfei-  
 tos: *Siquis Principem laudare velet, nihil  
 illi adeo decorum adscriberet, ut misericor-  
 diam: Principum enim proprium est misere-  
 ri:* (2) parece que allude o Santo Padre  
 àquellas palavras da Sabedoria: *Misereris  
 omnium, quia omnia potes,* (3) nas quaes  
 se poem por causa da benignidade, e cle-  
 mencia em Deos sua mesma omnipoten-  
 cia, supremo, e absoluto poder: *Quia  
 omnia potes, misereris omnium.* Daqui nas-  
 ce, que pedindo Dimas a Christo lhe fosse  
 benigno, e piedoso, o restringio pa-  
 ra o tempo, em que o Senhor estivesse  
 enthronifado no seu Reino: *Memento mei,*  
 cum

---

(1) Abulens. ibi quæst. 7. (2) Chrysoft. homil. 4. ad Philip. (3) Sap. 11. vers. 24.

*cum veneris in regnum tuum* : (1) não pedio que se lembrasse delle , quando na Cruz, fenaõ quando estivesse no feu Imperio ; como fazendo conceito , que pela mesma grandeza Real se havia compadecer dos afflictos , e miseraveis , que imploravaõ o feu favor : *Quasi ab ipsa regia dignitate Christus esset aliciendus , ut misero homini auxilium benignè præstaret* , disse com discreta reflexaõ o douto Pontevel. (2)

Deos sendo Monarca justicofo , e premiador com igualdade de attributos sempre une à sua justiça a sua piedade , mostrando-se benigno não só para os benemeritos , mas tambem para os criminosos , (3) castigando menos do que pede o delicto ; no que não he deslustre da sua justiça : e assim o perfeito Monarca ha de unir com a justiça a clemencia , sendo huma da outra inseparavel ; pois conforme o sentir do grande Rey David devem concorrer juntas em hum Monarca a benignidade que o faça amado , e a justiça que o faça temido ; o  
que

---

[1] Luc. 23. vers. 42. [2] Pont. tom. 3. pag. 491.  
[3] Communiter Theolog.



que se répresentava na Arca do Testamento , na qual estavaõ inclusos o manná , e a vara , o manná symbolo da benignidade, e a vara figura da justiça : foy allegoria de S. Gregorio : *Ita plane in boni rectoris pectore , si est virga districtiois , sic & manná dulcedinis.* (1) E que outra cousa se observa em o nosso Augustissimo Monarca ? Fallem tantos réos de leza Magestade comprehendidos no motim , e sedição , que grande parte da plebe do Porto maquinou na mesma Cidade em 23 de Fevereiro de 1757 ; ou melhor será , que ouçamos a Sentença daquella Alçada commettida ao Desembargador do Paço João Pacheco Pereira de Vasconcellos , cujas letras , experiencias , e virtudes o propozeraõ para negocio de tanta ponderação ; e ouviremos , que sabendo Sua Magestade Fidelissima o grande numero dos réos , que pelas exuberantes provas dos Autos o estavaõ de morte , internecendo-se aquelle Coração o mais amante dos seus Vassallos pelo paternal amor , que a respeito dos mesmos o preoccupa , attendeo mais

E a li-

---

[1] D. Greg. 2. part. Past. cap. 11.

a livrar as vidas de tanto número de delinquentes, que ao supplicio, a que inflavaõ as suas culpas, experimentando só o ultimo castigo os cabeças, e motores de huma taõ nova, e notavel infamia ao nome Portuguez, ficando aos mais commutada em arbitraria a pena ordinaria, de que eraõ réos. Oh como imita ao Rey dos Reys o nosso Augustissimo Soberano; pois sendo em Deos iguaes a misericordia, e a justiça, mais que para a justiça se inclina para a misericordia!

A mesma piedade está respirando a Carta de Sua Magestade com a data de 21 de Outubro ao Presidente daquella Alçada, em que lhe determina se contem os seis mezes de prizaõ a que foraõ condemnados sessenta e sete réos, desde o dia da prizaõ de cada hum delles, naõ obstante ser taõ escandaloso o delicto, e estar julgado pelos Ministros da mesma Alçada, deverem numerarse desde o dia, em que se lhes notificou a sentença. Mayor piedade digna sem duvida de hum coração Real, e muito catholico, herdada de seus Augustissimos Pays, cujas virtudes

des feraõ lembradas sempre , e sempre applaudidas pela posteridade , mostrou o nosso Monarca na Carta de 28 de Outubro do mesmo anno escrita ao Presidente da Alçada , mandando encarregar à Misericordia da Cidade do Porto o alimentar , e fazer educar os filhos , e netos dos padecentes , até poderem adquirir pelo proprio trabalho o sustento preciso para a vida , cuja despesa determinou o mesmo Senhor se pagasse de sua Real Fazenda.

Lede , Senhores , as memorias de todos os Monarcas , e não achareis certamente piedade para os Vassallos , que nestas circunstancias compita com a do nosso Augustissimo Monarca. Venturoso Imperio ! felices Portuguezes , que deveis a Deos darvos , e conservarvos a vida de hum Rey taõ benigno para todos bons , e máos , taõ piedoso , e taõ semelhante ao Pay das misericordias !

Agora a consequencia : logo Sua Magestade Fidelissima fielmente desempenha quanto Plataõ requer para constituir perfeito , adequada , e cabalmente a hum

Monarca ; e com este conhecimento adverti , Portuguezes , quaõ grande beneficio vos fez o Ceo em defender a vida de Sua Magestade no perigo de Setembro passado , e conservalla para vossa utilidade. Oh queira o Ceo , que por dilatados annos conserve o vital alento , do qual pendem grandeza à Monarquia , alegria aos Vassallos , e augmento ao culto de Deos.

Conhecida a grandeza do beneficio, requisito indispensavel para o devido agradecimento , ponderemos agora quem nos liberalizou tanta graça.

Deos por intercessaõ especial da Virgem Senhora da Conceiçaõ Padroeira do Reino , foy quem aõ nosso Monarca defendeo , e na defeza da sua vida tanto nos beneficiou. He verdade , que a faude de todos he dom da maõ de Deos : *Ipse dat omnibus vitam , & inspirationem ;* (1) mas he certo , como diz David , que a faude dos Reys com especialidade vem das suas mãos : *In potentatibus salus dextræ ejus :* (2) tambem he indisputavel , que com-

---

(1) Act. 17. vers. 28. (2) Psalm. 19. vers. 7.

communicando Deos aos homens pelas mãos, e intercessão da Virgem Senhora os seus beneficios, com mais especialidade concorre para elles Maria, quando se dirigem àquelles, que mais a veneraõ, e honraõ: e como o ser concebida em graça he para a Senhora honra inexplicavel, os que a sua original pureza confessaõ affectuosos, e intrepidados defendem, são por protecção desta Senhora especialmente defendidos, e amparados.

Foy Maria em sua Conceição quasi como Aurora, e como tal formidavel, competindo a exercitos bem ordenados: *Quasi aurora consurgens. . . . . terribilis ut castrorum acies ordinata.* Que esta expressão termine a Senhora em sua Conceição passiva, he evidente, pelo *quasi* com que a nomea Aurora seu Divino Esposo: pois se esta Senhora tem de Sol as propriedades todas: *Electa, ut Sol*; porque não logra de Aurora todas as prerogativas? Porque entre a Aurora, e o Sol ha huma grande differença; e vem a ser, que no Sol tudo são resplandores, na Aurora nem tudo são luzes; porque como apparece

ao

ao fenecer da noite , e ao principiar do dia participa parte das sombras , e parte das luzes : he a Aurora mãy do Sol: *Est mater prævia solis* , disse Picinello ; e para que se não diga , que a Omnipotencia produzio a Maria Mãy de Deos toda como Aurora , diz seu Esposo , que he quasi como Aurora ; porque Maria em sua Conceição passiva foy Aurora nos risos , não foy Aurora nos prantos ; foy Aurora nas luzes , não foy Aurora nas sombras ; foy Aurora no dia , não foy Aurora na noite da culpa : e se quando quasi Aurora compete a bem formados exercitos , quando venerada com respiciencia à sua Conceição purissima defende de todo o perigo de morte a quem assim a venera , de semelhante modo , ao com que na sua Conceição foy defendida.

Ao conceberse foy defendida Maria da espiritual morte pela culpa , como coufa toda consagrada à honra de Deos , e à sua gloria ; e quem à honra , e gloria da Conceição de Maria dedica , e consagra a sua vida , tambem pela Senhora he guardada , e defendida : e como a vida dos

Mo-

Monarcas Portuguezes está consagrada à defeza , e immuniidade de Maria Mãy de Deos em o instante primeiro de sua Conceição passiva , pois assim o juraraõ desde o tempo do grande Rey D. Joaõ IV. , e assim o repetiraõ publicamente na Real Academia o glorioso Rey , e Senhor D. Joaõ V. , e o nosso Augustissimo Monarca sendo ainda Principe , offerecendo , e dedicando as suas vidas a esta defeza gloriosa ; não havia consentir Maria , que na sua Conceição não morreo pela culpa , ficando frustradas todas as astucias do inferno : *Inimicitias ponam inter te , & mulierem , & ipsa conteret caput tuum* ; que o nosso Monarca perdesse violentamente aquella vida , que à defeza da sua pela original graça estava consagrada.

Hum Rey , que venera por Tutelar do seu Reino a preservaçaõ , que Deos concedeo a sua Mãy , não a deixando perecer nas mãos dos seus contrarios : hum Monarca , que já renunciou a vida , se for precizo dalla por defender a graça de Maria no instante primeiro de sua animaçãõ , havia perecer , sem lhe acudir em  
jus.

justa correspondencia a sua Protectora, livrando-lhe a vida de taõ evidente perigo? Quem tal crera! De forte que a vida dos Monarcas Portuguezes já naõ he sua, he de Maria, como cousa dedicada à honra, e gloria de sua Conceiçaõ purissima, por cuja defeza só a poderãõ perder violentamente, se bem que com generica vontade, e promptidaõ. Esta sem duvida foy a causa porque a vida do nosso Soberano foy defendida em taõ grande perigo, e com piedade bem fundada posso segurar ha de ser sempre salva, e a de seus gloriosos Successores.

Em outros alguns Reinos Catholicos se tem lamentado sacrilegos atrevimentos aos seus Monarcas, fazendo-lhes perder as vidas às mãos de barbara crueldade; mas no nosso Reino nem se vio, nem se verá: sendo bastante razaõ a tute-la, que elegeraõ os nossos piissimos Monarcas, jurando dar as vidas, se a extinçaõ destas for precisa para defender a gloriosa immunidadade da Conceiçaõ de Maria, correspondendo a este juramento a defeza da vida de Sua Magestade no perigo,



rigo, em que ha taõ pouco tempo se vio. Notay.

Foy Maria em sua Conceição figurada na Arca, que se salvou illeza no universal diluvio, com cujas aguas destruiu Deos ao mundo todo; pois a Virgem Senhora em sua Conceição foy salva do diluvio da original culpa, em que naufragaraõ todos os descendentes de Adaõ: (1) tambem o foy no Iris, que para signal de paz entre Deos, e os homens poz o mesmo Senhor em as nuvens; pois pela graça original, com que foy ornada sua alma purissima, viveo em paz, e agrado de Deos desde o primeiro instante da sua actualidade: Foy figurada a Senhora na sarça, que com affombro vio Moisés, a qual entre activo incendio estava preservada de sua virtude cremativa; pois Maria pela graça original naõ se abrazou no incendio, que ateou seu progenitor Adaõ: na luzida nuvem, que entre as sombras da noite resplandecia, guiando ao povo Israelitico do Egypto para a Palestina; pois Maria em as sombras do materno ventre sempre gozou da luz

F da

---

(1) Commun. SS. PP.

da graça , e até da gloria ( assumpto que já provey neste mesmo lugar ) como quem nascia para guiar aos homens do mundo para o Ceo.

E se tudo isto foy a Virgem Senhora em sua Conceição passiva , e à defeza desta verdade sacrificou por juramento Sua Magestade a sua preciosa vida ; he certissimo , que com todas estas formalidades havia Maria Santissima defender aquella vida , que ao credito de sua Conceição estava dedicada. Havia defendella como Arca de Noé , salvando-o de toda a ira , e vingança : como Iris , serenando toda a tormenta ; que ameaçava naufragio ao nosso pacifico Monarca : como sarça , donde acodisse favor às afflicções do povo de Portugal , como lá da sarça , que vio Moysés , às afflicções do povo de Israel ; pois feriaõ inevitaveis as mayores angustias no povo Portuguez , se fosse em Sua Magestade mayor o estrago , mais fatal a ruina : como nuvem luzida nas sombras da noite , que deslumbraffe aos rebeldes , e illuminaffe ao nosso Monarca para a fortaleza , e acerto.

Logo o ser a Senhora da Conceição Tutelar do Reino, e ter o seu Monarca jurado defender a sua Pureza até dar a vida, foy origem da felicidade, que applaudimos: mas como não havia ser assim, se a Senhora prometteo defender a vida de quem a elegeffe Protectora: *Qui me invenerit, inveniet vitam?* Com quanta mayor razão defenderia a vida de hum Monarca, que não só a venera Padroeira, mas tambem tem dedicado à sua honra a sua preciosa vida?

Quando os vinte e quatro Monarcas, que S. João vio em a Ilha de Pathmos, adoravaõ ao Throno figura de Maria, como dizem *uno labio* os Interpretes, consagrando à Virgem Senhora as suas coroas, insignias da Magestade, que era o mesmo que dedicarlhe os seus Reinos, entãõ diz o Evangelista, que as coroas eraõ suas: *Mittentes coronas suas ante thronum*; de fórte que quando as possuiaõ, não lhes chamou suas; só lhes confessou a propriedade inauferivel, e pacifica, quando a Maria as dedicavaõ obsequiosos; porque em justa corresponden-

cia a feu generoso affecto correspondia a Senhora conservando-lhas com toda a segurança : de semelhante modo , e pela mesma razãõ , dedicando , e offerecendo o nosso Augustissimo Monarca a sua Coroa, e vida ao obsequio , e defeza da Conceiçaõ pura de Maria , a mesma Senhora em correspondencia lhe havia , e ha de defender , e conservar a vida , e Coroa : e se a vara de Moysés , figura expressa de Maria , defendeo por muitas vezes da morte , e conservou a vida aos de que era Protectora , já abrindo no meyo do mar enxuta estrada , seguro caminho ; já sepultando debaixo das aguas aos inimigos, que aos Israelitas queriaõ tirar as vidas ; já fazendo manar de solida pedra liquidos crystaes para faciar a fede , de que estava para morrer todo o povo de Israel ; e assim em muitas outras occasiões ; do mesmo modo a Senhora da Conceiçaõ Padroeira de Portugal defenderá em beneficio dos Vassallos a vida do feu Rey ; porque aonde Maria he Tutelar , ahi com plena felicidade reinaõ os Monarcas : por isso enriquece ao nosso Monarca com espirito

114

pirito de sabedoria, e de entendimento, espirito de conselho, e fortaleza, e lhe defende aquella vida, em que interessamos tanto os que temos a honra, e felicidade de ser seus Vassallos.

Conhecido está pois, que de Deos, e da Senhora da Conceição recebeo o nosso Monarca, e recebemos todos o beneficio, de que hoje vimos a dar graças: e se estas devem ter principio publicando ao bemfeitor, todos já confessamos, que

A vós, muito Soberano Senhor sacramentado, e a vossa purissima Mãe, de cujo ventre fois fruto, devemos o grande beneficio de conservares a vida do nosso Monarca, e lhe restituireis saude perfeita: e se como Deos fois original principio de toda a medicina: *A Deo est enim omnis medella*; (1) e como sacramentado fois defeza das nossas vidas: *Si ambulavero in medio umbræ mortis, non timebo mala... parasti in conspectu meo mensam*; defendei-nos a vida, e conservainos a saude do nosso Augustissimo Soberano, pois com muita especialidade Vós fois quem concede,

---

[1] Eccles. 38. vers. 2.

de , e conserva a faude dos Reys : *Magnificans salutes Regis* , dizia David. (1) E vós , ò gloriosissimo Monarca , e Senhor , recebey de todos os nobres Comerciantes desta Praça esta demonstraçaõ da sua lealdade , do feu amor , e do feu agradecimento , correspondente à razaõ de Vassallos , e à de muito obrigados , pois a paternal providencia de Vossa Magestade os attende como a especial objecto do feu cuidado. Oh queira aquelle Deos, em cujas mãos está a vida , e morte , dilatar a vida de Vossa Magestade para ventura da naçaõ Portugueza , e augmento da sua gloria.

*Disse.*

---

(1) Psalm. 17. vers. 51.

